

Editorial v. 9, n. 18 (jul./dez. 2024)

■

O conjunto de textos reunidos nesta edição 18 da **Revista M.** mostra o crescente amadurecimento do campo dos estudos da morte no Brasil. Os artigos reunidos no **Dossiê Morte aparente e os fins últimos do corpo (séculos XVIII e XIX)**, organizado por **Jean Luís Neves de Abreu**, **Mara Regina do Nascimento** (ligados à Universidade Federal de Uberlândia, Brasil) e **André Luís Lima Nogueira** (vinculado ao Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert, Brasil), trazem uma relevante contribuição para a compreensão da chamada *transição funerária*, a passagem da gestão da morte da esfera religiosa para a esfera laica, como importante marcador da secularização da sociedade. Ao estudar diversos aspectos da morte aparente, o dossiê é uma das principais conquistas acadêmicas sobre a secularização da morte desde os estudos pioneiros da década de 1990, como *A morte é uma festa*, de João José Reis, ou *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*, de Claudia Rodrigues.

* Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Professor Livre-docente pelo Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP. Professor titular do Programa de Mestrado em Cidades Inteligentes e Sustentáveis da UNINOVE. CV: <http://lattes.cnpq.br/5044872646602103>



A *identificação do cadáver: a morte aparente no Portugal de finais do Antigo Regime*, de **Bruno Barreiros** (Universidade Nova de Lisboa, Portugal), analisa a forma como o tema da morte aparente se converteu num objeto de discussão entre médicos e políticos em finais do século XVIII, exigindo uma definição clínica da morte real. As novas concepções incidiram sobre a atuação dos legisladores e autoridades de saúde pública, configurando um novo regime de evidências sobre a morte que se impôs às sensibilidades coletivas ao longo do século XIX.

O artigo de **Jean Luís Neves de Abreu**, *Morte aparente e verificação de óbitos na medicina século XIX: algumas perspectivas de abordagem a partir das teses médicas*, analisa as teses médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Mostra como a morte aparente e a verificação de óbitos se constituiu como uma questão médica no Brasil apenas no século XIX. O texto mostra como as teses se apropriaram das teorias médicas da época e, ao mesmo tempo, propuseram métodos específicos para a verificação dos óbitos.

O texto de **Tânia Salgado Pimenta** (vinculada à Casa de Oswaldo Cruz da Fiocruz, Brasil), *Enterros precoces e o exercício da medicina: medos populares e debates médicos (Rio de Janeiro, c.1830-c.1870)*, investiga os debates nas décadas 1830 a 1860 em torno dos chamados enterros precoces, sepultamentos ocorridos sem que a pessoa estivesse morta de fato. Identifica dilemas e divergências entre os médicos, presentes em periódicos médicos, legislação, relatórios técnicos e registros funerários.

Em *“Operador e parteiro” o caso do Dr. Ernesto Mendo (Província do Espírito Santo, c. 1860-1895)*, **André Luiz Nogueira** (Fundação de Apoio à Escola Técnica, Brasil) mostra os caminhos de construção da reputação de um médico capixaba na segunda metade do século XIX, a partir da divulgação de sua capacidade de diagnósticos e *causas mortis* em corpos vivos e mortos.

“Interrogar os mortos para cuidar dos vivos”. Autópsias, dissecações e aprendizado médico no contexto da escravidão (1808 – 1850), de **Silvio Cesar de Souza Lima** (Universidade Federal Fluminense, Brasil), mostra respostas brasileiras ao desafio de encontrar cadáveres para o ensino médico de anatomia no Rio de Janeiro imperial. Se, por um lado, os corpos eram necessários para os estudos anatômicos, por outro, a população exigia tratamento digno para os corpos de seus familiares. Na sociedade escravista, foi nos corpos de negros e escravizados que as instituições buscaram atender a essa demanda.

Em *Conserver les morts à tout prix? Embaument, concessions et désirs d'éternité en France au milieu du XIXe siècle*, **Anne Carol** (Aix-Marseille Université, França), problematiza o desejo de preservação eterna dos mortos no contexto da laicização da morte na França do século XIX. A incorruptibilidade, que pertencia tradicionalmente à esfera do sagrado, passou à esfera da ciência e dos mercados, uma das externalidades do mundo desigual que se instalou nos cemitérios.

Os dois textos da seção **Artigos Livres** enriquecem a já vasta tradição de estudos cemiteriais no Brasil. *Revisitando o Cemitério dos Pretos Novos: um olhar sobre a morte e o sepultamento de africanos e crioulos escravizados, de 1812 a 1818*, de **Júlio César Medeiros da Silva Pereira** (Universidade Federal Fluminense, Brasil), trilha caminhos inéditos para a



compreensão do caráter e funcionamento do Cemitério dos Pretos Novos, no Rio de Janeiro. Ao analisar os registros do livro de óbitos da Freguesia de Santa Rita, no período de 1812 a 1818, nos permite alargar a temporalidade das narrativas sobre o cemitério, revelando novos aspectos da exclusão, destrato e desrespeito aos corpos pretos.

Laborum Meta: Arte e Sociedade no Cemitério de São João Batista, em Manaus, de **Keith Valéria de Oliveira Barbosa** e **Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa** (ligados à Universidade Federal do Amazonas, Brasil) mostram as potencialidades do estudo das lápides de cemitérios para revelar aspectos da vida urbana da cidade de Manaus do final do século XIX, por meio do estudo de túmulos e jazigos do cemitério São João Batista.

Na seção **Em Campo**, o texto de **Glenda Agra** e **Kadla Jorceli Gomes Rafael** (vinculadas à Universidade Federal de Campina Grande, Brasil), *Um toque de amor à morte: construção e validação de cartilha educativa sobre as doulas da morte*, relata a experiência do processo de construção e validação de uma cartilha dedicada à formação das doulas da morte, assim como os resultados da avaliação da cartilha. Ao focar uma área de atuação profissional voltada para o acompanhamento no final da vida, contribui para o conhecimento de um tema e uma prática ainda relativamente novos no Brasil.

Por fim, *Um olhar sobre o terceiro lugar do além-túmulo católico* é o texto de **Juciêdo Ferreira Alexandre** (Universidade Federal do Cariri, Brasil), na seção **Resenha**, no qual faz a recensão do livro *No cárcere divino: Purgatório, indulgências e missas pelas almas no Rio de Janeiro setecentista*, de Anne Elise Reis da Paixão, inédito estudo brasileiro de fôlego sobre o Purgatório, que aborda fontes inéditas e atualiza a historiografia sobre o tema após os estudos fundadores de Michel Vovelle, Pierre Chaunu, Philippe Ariès e Jacques Le Goff.

O conjunto de textos aqui apresentados mostra um campo de pesquisa amadurecido, pesquisadores conectados e atualizados com o debate em nível mundial e uma revista acadêmica capaz de pautar as discussões, lançando novas questões e leituras sobre temas já tradicionais do campo de estudos da morte.

